

INFORMAFRICATIVO 58

EMEFEJA Oziel Alves Pereira – AFRICANIDADE É ESCREVIÊNCIA!

EDIÇÃO 58 – Dezembro 2024 – Circulação virtual - impressão: 2500 panfletos e 1000 cópias A3

GESTÃO: Mariana D. Barreiras, Fernanda M. Bestetti, Daniely L. Silva, Ana Rosa Mobilon, Cintia C. Santos

ENDEREÇO: Rua Fauze Selher, 446 – Parque Oziel – Campinas – SP - CEP: 13049066

RESPONSÁVEL: Wilson Queiroz – wilsonq10639@gmail.com.

F: 32696232

APOIO: CONEPPA – Coletivo Negro com Práticas Pedagógicas em Africanidades

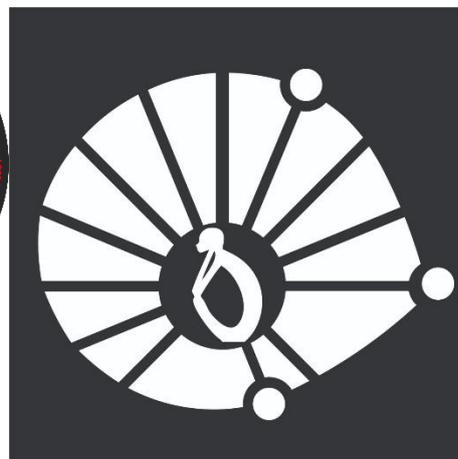
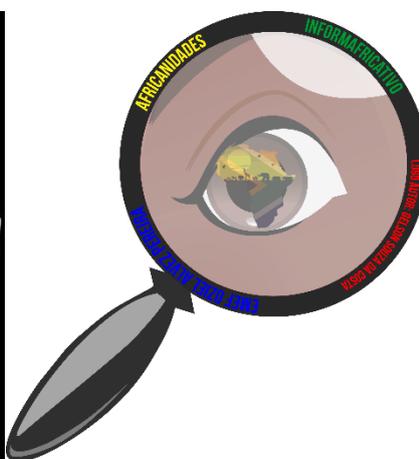
CEFORTEPE – Centro de Formação, Tecnologia e Pesquisa Educacional

GEPEC – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada.

CAMPANHA PERMANENTE: Biblioteca e Racismo: Quando o acervo é a prova do crime!

Acesse: <https://www.fe.unicamp.br/a-fe/biblioteca/recursos-line/boletim-informafricativo>

PERSPECTIVAS E LOGOTIPOS



Após a leitura desta edição, selecione uma palavra iniciada com cada letra do alfabeto e preencha a tabela abaixo. Em seguida, pesquise no dicionário o significado de cada palavra, buscando compreender os sentidos e a necessidade de se ter um letramento racial, tomando para si o conhecimento amplo do que se refere o ensino de Africanidades, a partir da consciência linguística proposta por Lélia Gonzalez, ao afirmar que no Brasil falamos PRETOGUÊS.

A -	J -	S -
B -	K -	T -
C -	L -	U -
D -	M -	V -
E -	N -	W -
F -	O -	X -
G -	P -	Y -
H -	Q -	Z -
I -	R -	*

ESCREVIVER

CONCEIÇÃO EVARISTO: Nascida em uma família pobre de Belo Horizonte, Maria da Conceição Evaristo de Brito migrou para o Rio de Janeiro ainda jovem e se formou em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Tornou-se professora, rompendo com a tradição das mulheres de sua família, que serviam como domésticas em casas de famílias mais abastadas — algumas delas do meio literário, como a de Otto Lara Resende. Mas não veio daí seu incentivo à literatura. Em debates e entrevistas, que hoje lotam a agenda da escritora, Conceição relata que as relações entre seus familiares e os donos da casa eram de absoluta subalternidade. Muito trabalho e pouco dinheiro eram a tônica do convívio. Sua trajetória, segundo a própria escritora, foi construída a partir do desejo e da inconformação com a desigualdade social. Sua família era grande — é a segunda de dez filhos —, e ela conciliava os estudos com a lavagem e a entrega de roupas. É a primeira da sua família a receber um diploma universitário — hoje, Conceição tem doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense. **Fonte:** <http://www.iea.usp.br/noticias/a-escrevivencia-carrega-a-escrita-da-coletividade-afirma-conceicao-evaristo>

ESCREVIVÊNCIA: *A escrevivencia carrega a escrita da coletividade, afirma Conceição Evaristo*

Criado por Conceição Evaristo, o termo "escrevivencia" traz a junção das palavras "escrever e vivência", mas a força de sua ideia não está somente nessa aglutinação; ela está na genealogia da ideia, como e onde ela nasce e a que experiências étnica e de gênero ela está ligada, explicou a escritora e educadora. "A escrevivencia não é a escrita de si, porque esta se esgota no próprio sujeito. Ela carrega a vivência da coletividade."

Sétima titular e primeira artista a tomar posse na Cátedra Olavo Setúbal de Arte, Cultura e Ciência, uma parceria entre o IEA e o Itaú Cultural, Conceição participou do evento inaugural de sua titularidade "Escrevivência: Sujeitos, Lugares e Modos de Enunciação - Corpus Literário em Diferença", que ocorreu no dia 27 de setembro de 2022 e teve transmissão online.

"O ponto nuclear da ideia de escrevivencia é que ele traz a força motriz de mulheres negras escravizadas que nos antecederam." A presença de sua titularidade na cátedra significa, para Conceição, ampliar o pensamento de Lélia Gonzalez quando esta aponta que no Brasil se fala o "pretuguês" – um termo criado com o intuito de refletir sobre a formação da identidade cultural brasileira através de palavras provenientes de idiomas africanos. Texto completo disponível em: <http://www.iea.usp.br/noticias/a-escrevivencia-carrega-a-escrita-da-coletividade-afirma-conceicao-evaristo>

JESUS DA GENTE - A verdade vos fará livre

Canção de Estação Primeira de Mangueira

MANGUEIRA / Samba, teu samba é uma reza / Pela força que ele tem
MANGUEIRA / Vão te inventar mil pecados / Mas eu estou do seu lado/ E do lado do samba também
Eu sou da Estação Primeira de Nazaré/ Rosto negro, sangue índio, corpo de mulher
Moleque pelintra do buraco quente/ Meu nome é Jesus da gente
Nasci de peito aberto, de punho cerrado / Meu pai carpinteiro desempregado
Minha mãe é Maria das Dores Brasil
Enxugo o suor de quem desce e sobe ladeira/ Me encontro no amor que não encontra fronteira
Procura por mim nas fileiras contra a opressão / E no olhar da porta-bandeira pro seu pavilhão
É no olhar da porta-bandeira pro seu pavilhão / Eu 'to que 'to dependurado / Em cordéis e corcovados
Mas será que todo povo entendeu o meu recado? / Porquê de novo cravejaram o meu corpo
Os profetas da intolerância / Sem saber que a esperança / Brilha mais que a escuridão
Favela, pega a visão / Não tem futuro sem partilha / Nem messias de arma na mão
Favela, pega a visão / Eu faço fé na minha gente / Que é semente do seu chão
Do céu deu pra ouvir / O desabafo sincopado da cidade
Quarei tambor, da cruz fiz esplendor / E ressurgi pro cordão da liberdade
Acesse <<https://www.letras.mus.br/manqueira-rj/samba-enredo-2020-a-verdade-vos-fara-livre>>

SINERGIA e CUT

Os Coletivos de Combate ao Racismo da CUT Campinas e do Sinergia CUT convidam para a Oficina/Palestra “Bonecas Pretas: representações e histórias”, um diálogo sobre a importância das bonecas negras no cotidiano das práticas pedagógicas, a ser realizada no próximo dia 4 de dezembro, das 14h às 17h, no auditório 10 de maio do Sinergia Campinas. Como parte da Campanha dos 21 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência contra as Mulheres, que acontece de 20 de novembro a 10 de dezembro. Adaptado de < https://www.instagram.com/p/DDLV_ylRlkq/?img_index=19&igsh=cXRmd2Y3b2x5Z2Qz>

FALA OUTRA ESCOLA - 2025



Acontecerá em julho de 2025, mais uma edição do SEMINÁRIO FALA OUTRA ESCOLA, promovido pelo GRUPO DE TERÇA DO GEPEC – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada da Unicamp – Universidade Estadual de Campinas.



O FIO DO VERBO NEGRO NA SALA DE AULA

Windson da Silva Santos – Prof. de Português – 11.12.2024

Na EMEF/EJA Oziel Alves, onde o Brasil encontra vida nos limites esquecidos, a língua portuguesa carrega o peso de um passado e a esperança de um futuro.

Por trás dos muros da escola, os alunos chegam com histórias que desafiam a gramática normativa; vêm com a fala das ruas, dos becos, dos terreiros, e, muitas vezes, encontram um português que insiste em lhes dizer que estão errados.

Mas, e se o verbo pudesse ser reescrito? Emicida, poeta das periferias, nos mostra que sim. Em suas rimas, ele faz do português uma tecnologia de resistência, uma ferramenta ancestral, onde cada palavra carrega o axé dos que vieram antes e a força dos que ainda lutam.

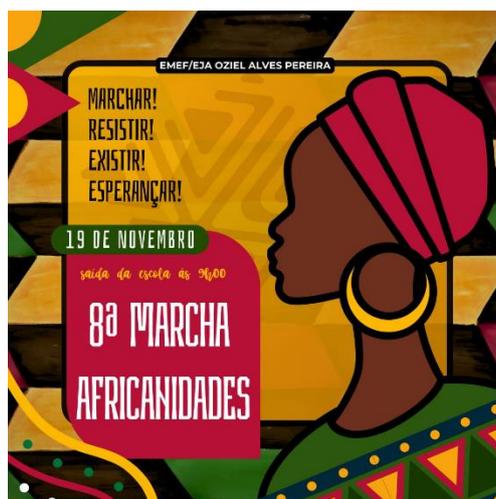
Na música “AmarElo”, Emicida declara:

“Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes...”

Aqui, o verbo “permitir” ultrapassa o sentido de concessão; é um grito de reivindicação, uma denúncia. É o clamor por um direito de existência plena, onde a dor não seja a única lente pela qual o mundo os enxerga. Este verso, como uma prece, convida a sala de aula a repensar: como ensinar língua portuguesa sem silenciar as vozes que fizeram dela morada e resistência?

Os alunos do Oziel Alves, tal como as letras de Emicida, carregam plurais invisíveis. A norma padrão — erroneamente chamada de “norma culta” — quando apresentada isoladamente, pode apagar os “pretos tipo Akin”, as gírias que reconfiguram a nossa língua, ou mesmo os ritmos de sobrevivência que ecoam nas falas. O professor de português precisa compreender que, neste contexto, a pontuação que importa é aquela que pausa a opressão e dá continuidade à luta.

A escola pública é, ou deve ser, esse espaço de erguer-se. De ensinar o português sem desfigurar as identidades. E, assim, na EMEF/EJA Oziel Alves, cada vírgula torna-se resistência, cada parágrafo uma construção coletiva. Porque o português que ensinamos não deve ser o das amarras, mas o das asas.



Durante o ano letivo de 2024 aconteceram vários momentos importantes para a implementação de uma educação em africanidades na EMEFEJA Oziel Alves Pereira, dentre elas a atividade formativa **RPAI – Reunião Pedagógica de Avaliação Institucional**, sob responsabilidade da coordenadoras pedagógicas Ana Rosa Mobilon e Cinthia C. Santos, que organizou e viabilizou a participação da artista e mãe de aluno, **NEGRA SULL**, que nos apresentou um pouco do seu trabalho e consciência da importância da dança bloco afro **ILÊ AIYE**.

Na ocasião tivemos também a participação Professor Livre-Docente da Faculdade de Educação da UNICAMP e coordenador do GEPEC- Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada e participante do Nozoutres- Círculo de Estudos Narrativos em Educação. Graduado em Pedagogia (1987), mestre em Metodologia de Ensino (1992) e doutor em Linguística Aplicada- Ensino e Aprendizagem de Língua Materna (1999), obtidos na Universidade Estadual de Campinas. Livre-Docente em Educação Escolar (2015). Realizou estágio pós-doutoral pelo Departamento de Didática e Tecnologia Educativa da Universidade de Aveiro (Portugal), em 2007-2008, sob supervisão da Profa. Dra. Idália Sá-Chaves. Com experiências na área de Educação, ênfase na Prática de Ensino e Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, bem como consultoria e assessoria à projetos educativos centrados na escola, atuando principalmente nos seguintes temas, na graduação e pós-graduação: formação de professores- inicial e continuada, epistemologia da prática docente, professor-pesquisador, escrita docente, investigação educacional e pesquisa narrativa. Parceiro do trabalho com africanidades na EMEFEJA Oziel Alves Pereira e orientador da pesquisa de doutorado: **INFORMAFRICATIVO**: o cotidiano escolar e as práticas pedagógicas em africanidades.

Outro momento que destaco é a **MARCHA DAS AFRICANIDADES**, que acontece no mês de novembro de cada ano, chegando a sua 8ª edição, percorrendo diversas ruas do bairro Oziel, Monte-cristo e Gleba B, num trajeto de aproximadamente 1,5km, com a participação de toda a equipe de profissionais, das estudantes e familiares que acompanham a caminhada e demonstram o reconhecimento da importância dessa educação que amplia e se apresenta em diálogo com a comunidade. Durante o percurso os estudantes e professores fazem a panfletagem dos Jornal do Oziel e do Informafricativo, entoam frases de denúncia, bem como empunham cartazes de denúncia do racismo, preconceito, violência policial, machismo, intolerância religiosa reafirmando a necessidade de valorização da Cultura Africana e Afro Brasileira.

PREOCUPações – (zap de uma mãe para a prof. Valéria F. S. Vilanova -Ed. Especial – 19.09.2024)
Boa tarde, Valéria.

A Flaviele (6D) recebeu um convite para ir com a escola, a Marcha da Consciência Negra, que vai ter no centro amanhã, e eu esqueci que horas o ônibus vai sair da escola. Você consegue me ajudar????